

Turismo Sustentável e Gestão Ambiental no Setor Hoteleiro: o Caso da Ilha do Mel¹

Matias Poli Sperb² - Mestrando da Universidade Federal do Paraná

Rivanda Meira Teixeira³ - Docente da Universidade Federal do Paraná

Resumo:

Esta pesquisa volta-se para a gestão ambiental praticada por empreendimentos hoteleiros da Ilha do Mel, no litoral do Estado do Paraná. O estudo parte do pressuposto de que agentes do setor privado que atuam nesta localidade, percebem a importância da natureza como principal atrativo turístico e, na medida do possível, buscam explorá-la de forma sustentável. Mais especificamente, buscou-se verificar quais são as ações que os empreendedores do setor hoteleiro desenvolvem com relação a gestão ambiental, assim como suas percepções sobre o seu papel e sua responsabilidade com a sustentabilidade ambiental na localidade. Pode-se concluir que não existe, na maioria dos empresários, a preocupação com a utilização sustentável dos recursos naturais e que as ações relacionadas ao uso desses recursos não são decorrentes de uma consciência ambiental coletiva.

Palavras-chave: Gestão Ambiental; Gestão Hoteleira; Turismo Sustentável

1. Introdução

Paralelamente ao crescimento da consciência ambiental, o turismo se desenvolveu de uma forma bastante rápida, na mesma perspectiva dos demais segmentos da economia, com a utilização intensiva dos recursos naturais sem uma preocupação com a preservação desses atrativos que formavam a base de sustentação da atividade (DIAS, 2003, p. 51). O setor de turismo já foi considerado na década de 1960 a “indústria sem chaminés” e uma esperança de desenvolvimento econômico para países pobres. Atualmente, é mais do que comprovado que esta também é uma atividade econômica que também degrada o meio-ambiente e, junto a isso, pode gerar ainda mais exclusão social e pobreza, se não forem tomados os devidos cuidados na hora de se estabelecer

¹ Trabalho apresentado ao GT “Gestão Ambiental no Turismo e Hotelaria” do IV Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL - Caxias do Sul, 7 e 8 de julho de 2006.

² Mestrando em Administração - CEPPAD/UFPR. Projeto de Dissertação intitulado “Turismo Sustentável e Gestão Ambiental no Setor Hoteleiro: o Caso da Ilha do Mel”. Graduado em Administração pela Escola de Administração da UFRGS em novembro/2002. E-mail: mapolis@gmail.com

³ Professora do Departamento de Administração da Universidade Federal do Paraná. Doutora em Administração pela Cranfield University na Inglaterra. Realizou pós-doutorado em Turismo na Bournemouth University na Inglaterra e também em Gerenciamento de Pequenas Empresas do Setor Turístico na Strathclyde University, na Escócia. E-mail: rivandateixeira@terra.com.br

novos empreendimentos com fins econômicos. Segundo Dias (2003), um destino turístico pode ter um *boom* de procura de um momento para outro, mas também pode entrar em decadência com a mesma velocidade com que cresceu. Nesse aspecto, o turismo, mais que outra atividade, é bastante dependente do planejamento e do contínuo monitoramento do aspecto geográfico onde se desenvolve. Na percepção de Rushmann (2001), o meio ambiente é a base econômica da atividade turística e apresenta oportunidades e limitações. Para Wahab e Pigram (1997), pelo fato de um lugar ter sido escolhido como uma destinação para turistas irá inevitavelmente acarretar a mudanças no ambiente natural. As características que atraíram os primeiros turistas podem perder sua atratividade pela intensificação do uso.

A massificação de um lugar turístico, assim, representaria um risco em potencial máximo para a degradação do ambiente natural e a ruína do próprio turismo. Nesse sentido, Krippendorf (1975 apud RODRIGUES, 2000) manifestou-se contrário ao grande afluxo de pessoas aos recursos, alegando que “o turismo destruirá o turismo”. Hetzer (1965) argumentou que depois de terem arruinado o seu próprio ambiente, as pessoas que querem dispor de um ambiente natural, se aglomeram em outros locais para destruir o ambiente de outros, em suas frenéticas tentativas de escapar, nem que seja por um curto espaço de tempo, da pressão competitiva, poluição, crime e trabalho alienante (“corrida dos ratos”). Dias (2003) enfatiza que o impacto do turismo sobre o meio-ambiente é inevitável, e o que se pretende é mantê-lo dentro de limites aceitáveis, para que não provoque modificações ambientais irreversíveis e não prejudique o prazer do visitante ao usufruir o lugar. Para Wahab e Pigram (1997), nem todas as mudanças geradas pelas atividades de turismo levam, necessariamente, à degradação. Pelo contrário, se forem levadas a cabo de forma sensitiva, o desenvolvimento do turismo pode contribuir substancialmente para melhorar o ambiente e levar a um aumento de prazer do turista e da sustentabilidade ecológica.

Levando em consideração este contexto, esta pesquisa volta-se para a gestão ambiental praticada por empreendimentos hoteleiros na Ilha do Mel, no Estado do Paraná. O estudo parte do pressuposto de que agentes do setor privado, que atuam nesta localidade, percebem a importância da natureza como principal atrativo turístico e, na medida do possível, buscam explorá-la de forma sustentável. Mais especificamente, buscou-se verificar quais são as ações que os empreendedores do setor hoteleiro desenvolvem com relação a gestão ambiental, assim como suas percepções sobre o seu papel e sua responsabilidade com a sustentabilidade ambiental na localidade.

2. A Ilha do Mel e o Desenvolvimento do Turismo

A Ilha do Mel está situada no Litoral Norte do Paraná, entre Pontal do Paraná e a Ilha das Peças, subdividindo a barra da Baía de Paranaguá em dois setores, representados pelos canais Norte e da Galheta. Ocupa uma área de 27,6 km², sendo que 2710 hectares são áreas de preservação ambiental, compostas por ecossistemas de restinga e mata atlântica. Seu relevo é constituído por vasta planície de restinga ao norte e vários morros de altitude variável ligados por formações arenosas ao sul (PACHECO; SERVI; ROCHA, 2003 p. 49). Na década de 1990, paralelamente ao aumento de visitantes, na concepção de Esteves (2004, p.209) o perfil dos turistas que freqüentavam a Ilha do Mel foi se alterando para um tipo de “homo-urbano desenvolvimentista”. Este fato decorre da crescente busca por parte de pessoas da cidade por lugares com ambientes naturais e em bom estado de conservação. Também contribuiu o papel da mídia na divulgação da Ilha, a criação de infra-estrutura básica e daquela voltada ao turismo, como instalação do sistema de energia elétrica, a construção de pousadas, restaurantes, passarelas e trapiche, o funcionamento de linhas regulares de barco, entre outros.

O turismo modificou radicalmente a paisagem e a sociedade da Ilha do Mel, tornando-se a sua principal atividade econômica. De pacata localidade de pescadores no final da década de 1970, hoje se constitui em destacado ponto turístico do Paraná e do Brasil (ESTEVES, 2004). No entanto, o crescimento turístico da localidade foi totalmente desordenado “... por muito tempo houve a ausência de uma política de planejamento e gestão que fosse eficaz para lidar com a maneira caótica que o turismo vinha se desenvolvendo na área” (SILVEIRA, 1998, P.228). A atividade turística, a partir do ponto de vista econômico, beneficiou principalmente o investidor de fora que domina a maior parte dos estabelecimentos comerciais (NETO, 1999). Os nativos, apesar de alguns terem se tornado proprietários de estabelecimentos comerciais, geralmente realizam os trabalhos pesados ou aqueles considerados menos nobres, como os carregadores e os coletores de lixo (ESTEVES, 2004, p. 76).

Na Ilha do Mel existem vários problemas sócio-ambientais, ocasionados pela grande demanda turística, destacando-se, dentre outros, “... a destruição da flora e da fauna local, a depredação das praias, acúmulo de lixo, falta de água potável e outros” (SILVEIRA, 1998, p.228). O turismo, da forma como se implantou e consolidou na Ilha do Mel, além de ser apontado como um dos responsáveis pela degradação da qualidade de vida da população, acaba também afetando o bem

estar dos turistas que lá freqüentam (ESTEVEES, 2004). Na concepção de Esteves (2004, p.209), dentre os problemas sócio-ambientais destacam-se: a violência e o consumo de drogas; o emprego da mão de obra dos nativos em atividades consideradas menos nobres como o transporte de cargas, serviços gerais de limpeza e cozinha, coleta de lixo e etc.; precariedade nas questões relativas à saúde e educação; descaracterização da paisagem natural; a grande quantidade de lixo jogado e acumulado; destruição da flora e da fauna; degradação da qualidade da água.

3. Gestão Ambiental no Setor Hoteleiro

Gonçalves (2004) argumenta que desde os anos 80 e 90, a questão ambiental vem afetando diretamente uma variedade imensa de segmentos, dentre esses, o de hospitalidade. Inicialmente, as preocupações estavam focadas nos segmentos que causavam danos diretos ao meio ambiente, através das diversas formas de poluição. Atualmente, o problema é muito mais abrangente e está relacionado não apenas ao problema da poluição gerado na saída do processo, mas sim a operação por completo. Na visão desse autor, o setor hoteleiro, em si, não causa grandes problemas de poluição nem consome grandes quantidades de recursos não renováveis, não devendo, portanto, estar na linha de frente das preocupações ambientais. As atividades desse segmento são constituídas por inúmeras pequenas operadoras, que consomem relativamente pouca energia, água, alimentos, papéis e outros tipos de recursos, representando uma pequena parcela de poluição em termos de fumaça, ruído e poluentes químicos. Contudo, se os impactos de todas essas pequenas operadoras forem somados, o segmento pode desenvolver um relativo potencial danoso ao meio ambiente. Assim, tem-se um dilema: como convencer as organizações envolvidas no setor hoteleiro – que na maioria das vezes são formadas por pequenos hotéis independentes -, a assumir uma postura ambientalmente correta? Junto a isso, argumenta Molina (2001), uma imensa maioria dos estabelecimentos de hospedagem, que utilizam algum mecanismo de gestão ambiental, consultados em pesquisas de informação, apresentam seus equipamentos de tratamento periodicamente estragados ou em más condições, ou, mais simples ainda, fora de funcionamento por longos períodos.

Para De Conto (2005), os hotéis tem um papel ambiental importante e devem estar comprometidos a desenvolver atitudes no sentido de utilizar significativas práticas ambientais em todos os processos; cumprir rigorosamente toda a legislação ambiental; minimizar o uso de energia, água e materiais; minimizar a geração de resíduos sólidos, reutilizando e reciclando;

convidar os clientes, fornecedores e serviços terceirizados a participar nos esforços para proteger o meio ambiente; fornecer a todos os funcionários o treinamento e recursos requeridos para vir de encontro aos objetivos traçados; comunicar abertamente sua política e práticas ambientais para quem estiver interessado e monitorar o seu impacto ambiental.

Alguns estudos foram desenvolvidos sobre a gestão ambiental do setor hoteleiro pelo mundo. Por exemplo, Knowles et al. (1999) realizaram um levantamento sobre as iniciativas desenvolvidas pró-meio ambiente pelo setor de hotelaria de Londres. Neste estudo de caso, com 22 hotéis de médio e grande porte, esses autores verificaram alguns resultados bastante positivos: uma grande porcentagem dos respondentes (94%) estavam utilizando valores “verdes” de forma integrada com valores do negócio; três quartos responderam que sabiam onde encontrar informações sobre iniciativas ambientais e um número significativo destes declarou ser membros de alguma instituição voltada ao meio-ambiente. Quanto aos pontos negativos, foi destacado que muitos respondentes não estavam seguindo uma agenda para melhorar o desempenho ambiental de seus negócios e muitos deles, (mais de dois terços), não estavam realizando nenhuma única ação pró-meio ambiente no período da pesquisa.

Outro estudo no setor de hotelaria, com cadeias de hotéis e hotéis independentes de médio e grande porte, foi desenvolvido por Brown (1996), na Escócia. A autora, buscou identificar se essas organizações estão tomando, com relação ao meio-ambiente, uma postura pró-ativa (por intermédio de uma política ambiental interna), ou se elas estão tomando uma postura reativa em resposta a, por exemplo, aumentos de custos de energia; pressões legislativas; pressões dos consumidores e outros. Resultados da pesquisa demonstram que, da amostra de 106 organizações, 43 possuem uma política ambiental. Foi verificado que gerentes atuantes em organizações “com política” sentiam-se claramente mais conscientes sobre o meio ambiente, em comparação àqueles atuantes em organizações “sem política”. Junto a isso, essa diferença também foi verificada em empregados, chefes de departamento e acionistas; na opinião dos próprios gerentes. Também foi verificado pela autora que os relatórios gerenciais mais utilizados são: controle de orçamento, manutenção da lucratividade e controle das reclamações dos clientes nestas empresas de hotelaria. No entanto, os resultados demonstraram que os gerentes de organizações “com políticas” estavam mais atentos aos resultados não-financeiros também, incluindo informação ambiental.

Os pesquisadores Tzschentke, Kirk e Lynch (2004) desenvolveram um estudo exploratório sobre as motivações para a tomada de decisão de desenvolver ações pró-meio ambiente e de pertencer a um esquema de certificação, por parte de estabelecimentos de hotelaria de pequeno porte na Escócia. Para a coleta de dados foram realizadas entrevistas pessoais em profundidade com membros da *Green Tourism Business Scheme*, uma instituição de certificação de empresas de turismo, e entrevistas com 30 proprietários de empresas de pequeno porte do setor hoteleiro na Escócia. Os resultados da pesquisa mostram que essas organizações, por possuírem recursos limitados, tendem a responder mais as exigências legais do que a realizar práticas voluntárias, no que diz respeito ao meio-ambiente. No entanto, quando estas ações são desenvolvidas, a primeira motivação das empresas está voltada para a redução de custos pelo incremento de eficiência operacional com relação ao consumo de água, energia e disposição de resíduos.

Algumas pesquisas também já foram desenvolvidas no Brasil sobre gestão ambiental em hotelaria. De Conto (2005), por exemplo, desenvolveu uma pesquisa pela Universidade de Caxias do Sul, onde foi feito um estudo relacionado à gestão de resíduos sólidos em meios de hospedagem, em 2001. O objetivo principal do projeto visou a elaboração de diretrizes para o gerenciamento de resíduos sólidos nesses meios. Para tal, diferentes atividades foram realizadas: determinação da capacidade gravimétrica dos resíduos sólidos gerados no âmbito do Hotel da Universidade de Caxias do Sul, durante 12 meses; realização de entrevistas com gerentes e camareiras em 10 meios de hospedagem, sobre informações e condutas em relação ao manejo de resíduos sólidos e aplicação de questionários com hóspedes do Hotel Vila Verde da Universidade, relacionados à percepção ambiental.

Costa (2004) escreveu um livro sobre a experiência de sucesso do Hotel Bühler, no que diz respeito à atenção dada aos resíduos sólidos na região de Visconde de Mauá, Rio de Janeiro. Segundo a autora, esse hotel, no início de 2003, completava quase dois anos sem mandar um único saco de lixo para o caminhão de coleta da prefeitura. Para isso, a experiência demonstra que, antes de qualquer coisa, é preciso criar novas rotinas; treinar funcionários; orientar os hóspedes; separar criteriosamente o lixo; organizar um depósito para recicláveis e lixo limpo; providenciar um destino e transporte para os recicláveis; e dar um destino aos resíduos que permanecem no hotel. A obra traz com detalhes a destinação dada a cada tipo de resíduo sólido gerado no estabelecimento.

4. Metodologia

Considerando os objetivos do presente estudo, elaboram-se as seguintes perguntas de pesquisa: 1) Qual é o perfil dos empreendedores e dos empreendimentos hoteleiros na Ilha do Mel? 2) Quais são as ações desenvolvidas pelos empresários do setor hoteleiro com relação à preservação ou degradação do meio-ambiente nesta ilha? Esta pesquisa possui um caráter predominantemente qualitativo, no entanto se utilizará da estatística descritiva para agrupar frequências e padrões nos perfis das empresas, dos empresários e das suas ações de gestão ambiental, e percepções de preservação ambiental. Em função de seus objetivos a pesquisa também pode ser classificada em exploratória e descritiva, quanto aos métodos utilizados. A pesquisa apresenta um caráter exploratório, pois aborda um tema com pouco conhecimento acumulado e sistematizado. Pode-se considerá-la também como descritiva, tendo em vista que se busca conhecer um fato ou fenômeno sem precisar recorrer à relações causais entre suas variáveis. A pesquisa procura descrever um fato ou fenômeno a partir de uma primeira aproximação, ou seja, a partir da pesquisa exploratória.

O método escolhido para esta pesquisa é o método de estudo de caso, pois o caso escolhido foi o setor hoteleiro da Ilha do Mel, setor esse que será pesquisado de forma aprofundada dentro de seu contexto local. Segundo Yin (2005), o estudo de caso é preferido quando o tipo da questão a ser pesquisada é de forma “como” e “por quê”. Também é preferido quando o controle que o investigador tem sobre os eventos é muito reduzido, ou ainda quando o foco temporal está em fenômenos contemporâneos, dentro do contexto de vida real. Para Godoy (1995), o estudo de caso tem por objetivo proporcionar vivência da realidade por meio da discussão, análise e tentativa de solução de um problema extraído na vida real. Godoy (1995, p. 25-26) expõe ainda que, adotando um enfoque exploratório e descritivo, o pesquisador que pretende desenvolver um estudo de caso deverá estar aberto as suas descobertas. Ainda é importante ressaltar que, mesmo que os estudos de caso sejam a essência da pesquisa qualitativa, segundo Godoy, podem comportar dados quantitativos para aclarar algum aspecto da questão investigada. Entretanto, quando isso acontece, geralmente o tratamento estatístico não é sofisticado.

Os principais critérios utilizados para a escolha deste caso foram: I) tipo de turismo local fortemente vinculado aos recursos naturais da região, o que é essencial para o tipo de pesquisa

que se pretende desenvolver; II) viabilidade da pesquisa de campo, tendo em vista a distância geográfica e a disponibilidade de recursos para o acesso e a permanência no local. Para Yin (2005, p.112), nenhuma fonte de evidência única possui uma vantagem indiscutível sobre as outras. Na verdade, as várias fontes são altamente complementares e um bom estudo de caso utilizará o maior número possível de fontes. Esta pesquisa foi realizada através da utilização do método documental, no que diz respeito aos dados secundários e, para a coleta de dados primários, foi adotada a técnica de entrevista pessoal com a utilização de questionário composto principalmente de perguntas abertas. A segunda fonte de evidências foram as entrevistas pessoais feitas com os proprietários de pousadas na Ilha do Mel. Foram entrevistados trinta proprietários dos empreendimentos hoteleiros, o que corresponde a cerca de 50% do universo de acordo com levantamento de campo em toda a ilha feito por Esteves (2004).

5. Análise de dados

Esta pesquisa apresenta categorias de análise que reúnem elementos em agrupamentos sob títulos específicos. Estes agrupamentos são efetuados em razão de caracteres comuns entre os elementos presentes em cada agrupamento. Para o perfil dos empresários foram consideradas as categorias: idade; gênero; origem; escolaridade; experiência anterior e motivação para iniciar o negócio. Para o perfil da empresa foram consideradas: o tempo de funcionamento; o número de empregados e o de quartos. Com relação às ações voltadas para a gestão ambiental dos empresários foram consideradas as categorias: água de abastecimento; água residuária de emissões; energia e resíduos sólidos.

5.1. Perfil dos empresários

Cerca de 45% dos entrevistados está na faixa dos 40 a 50 anos de idade, 25% entre 50 e 60 anos, 20% entre 30 e 40 anos e os extremos restantes (7%) possuem menos de 30 e mais de 60 anos de idade. Quanto ao gênero dos proprietários entrevistados, 57% são do sexo masculino e 43% do sexo feminino. Com relação ao local de origem, apenas 20% deles nasceram e se criaram na própria Ilha do Mel.. Dos proprietários que tem como origem outras localidades (80%), 60% deles são do próprio estado do Paraná, 10% de outros estados e 10% de outros países. A grande maioria dos proprietários entrevistados (87%) reside na própria Ilha do Mel e apenas 13% residem fora desta localidade. Desta minoria, metade declarou passar 6 meses do ano em

Curitiba, e o restante do tempo na Ilha; a outra metade possui gerentes que administram seus negócios. Quanto ao grau de instrução destes proprietários, um pouco mais de 30% dos entrevistados possuem título de nível superior, sendo que em torno de um terço destes (10%) possuem pós-graduação. Cerca de 20% dos entrevistados possuem 2º grau completo e outros 20% declararam não ter nem o 1º completo. Dentre os 23% entrevistados restantes, 7% possuem 2º grau incompleto, 13% possuem 1º completo e 3% possuem graduação incompleta. No que diz respeito à experiência profissional anterior à gestão da pousada, a maioria dos proprietários que são oriundos da própria Ilha, sustentava-se através da pesca e outras atividades de extrativismo e/ou atividades de marinharia. Alguns proprietários (17%) já tiveram outras microempresas, na maioria bares ou restaurantes. Outros 13% já foram funcionários de microempresas, como bares/restaurantes e mercearias. Alguns proprietários (10%) já foram funcionários no setor de hotelaria. O restante dos proprietários já desenvolveu atividades diversas em áreas como advocacia, construção civil, ensino médio e superior, publicidade, artístico, operação industrial, dentre outras.

Com relação às principais motivações dos empreendedores para a criação das pousadas, verificou-se que quase metade (43%) dos entrevistados resolveu ter uma pousada porque perceberam neste tipo de negócio uma oportunidade de maiores rendimentos financeiros, por notarem que o turismo estava consolidado ou aumentado na Ilha do Mel. Outros 37% tiveram como motivação principal a própria beleza e tranquilidade do local. Essa motivação transpareceu mais frequentemente nas entrevistas pelo termo “qualidade de vida” expresso pelos proprietários. Relacionado à qualidade de vida, foram citados expressões como “um lugar sem violência nem roubo”, “sem poluição do ar”, “sem automóveis”, “sem barulho”, “com natureza abundante”, “paz de espírito” e inclusive como “um lugar propício para desenvolver atividades lúdicas e artísticas”. Cerca de 13% dos proprietários que não residem na Ilha, transpareceram querer ter uma pousada mais como um hobby, sonho concretizado ou facilidade de cuidado do que como um negócio próspero, além de também se sentirem atraídos pela Ilha.

5.2 Perfil das empresas

Verificou-se que quase 90% das pousadas pesquisadas tiveram início de suas operações a partir de 1990, podendo-se constatar que o desenvolvimento massivo do turismo na Ilha do Mel é

relativamente recente. Com relação ao número de colaboradores, a maioria das pousadas chega a dobrar o número de empregados na alta temporada. No entanto, mesmo assim não se refere a um número muito alto de colaboradores, dado as dimensões dos negócios, pois a média de colaboradores contratados na alta temporada não é maior do que três. Por outro lado, também é relativamente alto o número de pousadas em que só trabalham os donos e seus familiares, principalmente na baixa temporada. No que tange ao número de leitos por estabelecimento, observou-se uma grande variação entre 10 e até 90 leitos. No entanto, mais que a metade das pousadas (60%) possui um número relativamente baixo de leitos (de 10 a 30 leitos). Por outro lado, as outras 40% das pousadas, as quais possuem de 30 até 90 leitos, possuem cerca de 60% do total de leitos contabilizados nas 30 pousadas totais. Na totalidade, foram registrados 290 quartos, 281 banheiros e 960 leitos nas 30 pousadas da ilha.

5.3. Ações voltadas para a gestão ambiental

Com relação às *fontes de água* para consumo das pousadas, foi verificado que a principal fonte é a rede pública, utilizada por mais de 80% das pousadas. Entretanto, metade dos proprietários disse possuir poço próprio. Cerca de 60% dos proprietários também informaram comprar água mineral para beber, principalmente por causa da má qualidade de água da rede e dos poços próprios. Fontes pouco utilizadas pela maioria dos proprietários são a água de bica e água da chuva, mesmo considerando que esta última exista em abundância na estação das chuvas. Dentre aqueles entrevistados que utilizam em suas pousadas a combinação de água da rede com a de poço próprio (33%), justificaram esta combinação, principalmente, devido ao fato de ser deficitário o abastecimento pela rede nos períodos em que a Ilha esta com um alto número de turistas, e utilizam o poço como uma fonte de emergência, caso venha a faltar água na rede pública. Outra tática bastante utilizada para este problema de escassez, é a utilização de cisternas para o armazenamento de água. Desta forma, quase a totalidade dos proprietários demonstrou grande insatisfação com a água da rede pública, não só pela escassez nas épocas de maior necessidade, mas também pela contaminação e pelo seu custo, considerado elevado por muitos, se comparado a sua qualidade. Também foi demonstrada pelos entrevistados grande insatisfação com a qualidade da água dos poços, não só pela falta de pureza, mas também pelo custo da extração. Curiosamente, mesmo que a grande maioria dos proprietários tenha informado ser as águas, tanto da rede como dos poços, de má qualidade, ainda assim 20% dos proprietários

informaram beber somente água destas duas fontes. Algumas práticas mencionadas com relação a *economia do uso da água* foram a sua reutilização e a utilização de equipamentos mais econômicos no uso da água, como lavadoras de louças. No entanto, a realização pelos empresários de práticas mais ambientalmente engajadas, considerando a realidade da água na Ilha do Mel, ainda são pífias. Ainda mais insensato: alguns deles, mesmo que sendo uma minoria, não demonstraram a mínima preocupação em economizar água.

No que diz respeito ao *tratamento das águas residuárias* de emissões, cada pousada desenvolve o seu próprio tratamento, obedecendo a exigência mínima do IAP de utilização de fossa séptica, a partir de uma estrutura com caixa de gordura, fossa e sumidouro; sem outras exigências específicas de dimensionamento, seleta de resíduos ou do material a ser utilizado. Segundo a maioria dos proprietários, não há uma preocupação maior do governo sobre a qualidade das fossas, seja através de uma exigência detalhada prévia de projeto ou mesmo através de fiscalização na construção ou durante as operações da pousada. Observou-se também que, apesar da maioria dos proprietários mencionar ter selecionado os diferentes resíduos em seus sistemas de esgoto, também foi percebido que este procedimento era o mais simples possível e não seria suficiente para evitar que as fossas transbordassem e a contaminação do solo, mar, córregos e lençol freático. Esse, possivelmente, é um dos maiores problemas ambientais na Ilha e essa preocupação é revelada por um dos entrevistados, conforme seu depoimento:

As fossas aqui na Ilha do Mel são precárias. Daqui há uns anos vai piorar a qualidade da água do lençol freático. Todas as pessoas da Ilha dizem que a água tirada do poço hoje não é mais como era antes.

Outra preocupação relaciona-se a uma possível exaustão da água do lençol freático na ilha, pelo uso excessivo do turismo ou, ainda, pela contaminação da água do mar no lençol, à medida que a água doce vai escasseando, uma vez que a camada de uma se sobrepõe à camada de outra. Um outro aspecto que merece destaque nesta discussão refere-se ao esgotamento das fossas e das caixas de gordura, pois como não há serviço de retirada destes resíduos na ilha, eles são enterrados diretamente no solo dos quintais e áreas de reserva, quando as próprias fossas saturadas não são abandonadas.

Com relação ao *consumo de energia* nas pousadas, verificou-se que todas utilizam energia elétrica da rede originada no continente, e apenas uma parcela pequena utiliza complementarmente tecnologias consideradas limpas, por exemplo a utilização de energia solar, através de um projeto adotado pela COPEL de um chuveiro com painel, para aquecimento solar.

No entanto, este projeto governamental não foi levado adiante, pois o seu objetivo principal foi o de suprir a carência de oferta de energia que, na época, era fornecida a partir de um gerador pela queima de óleo diesel, localizado na própria ilha. Foi observado que, este tipo de equipamento, apesar de ter sido doado à integrantes da comunidade da Ilha, foi aceito com restrições pelos empresários. Segundo eles, os problemas decorrentes da utilização desses chuveiros são as dificuldades de manutenção, a falta de conhecimento sobre a sua utilização, os efeitos da salinização acelerando a deterioração e as dificuldades de utilização para um número maior de pessoas, haja visto que complementava apenas cerca de 5 a 10% do consumo de energia das pousadas. Um dos empresários explica os problemas que enfrentou utilizando este chuveiro:

A gente tinha o chuveiro solar, mas a maresia corroia por dentro, saia uma água verde, acho que era da ferrugem. Não deu muito certo. Durou um ano esse chuveiro e em uns seis meses já começou a dar problema. Foi chamado o técnico, mas então viram que tinha salitre do mar e não tinha o que fazer. Depois levaram pro lixo. Não tinha manutenção também: só entregaram, instalaram e mais nada. Foi mal projetado. Acho que a maioria não utilizou muito tempo.

Com relação à economia de energia, a grande maioria dos entrevistados disse procurar fazê-la de diversas formas, tendo como motivação principal o custo. Cerca de 80% dos entrevistados disse acompanhar os gastos na conta de luz e/ou no relógio medidor periodicamente. Com relação à ações específicas para economizar energia, 37% informou controlar o aquecimento dos chuveiros elétricos, os quais são grandes consumidores de energia nas pousadas. Para isso, esses proprietários disseram trocar as resistências de 110 para 220, pois esquentam menos e, às vezes, também deixam a opção da temperatura da água em “morna” no chuveiro, em épocas de temperaturas mais elevadas. Dentre estes, alguns disseram que há variação de tensão na rede, principalmente na alta temporada, o que acaba causando a queima das resistências dos chuveiros. Além disso, também informaram ser a água da ilha, pela sua qualidade, devido aos detritos em suspensão e a pouca pressão da rede de água, a grande causadora de problemas aos chuveiros, pois provocam o acúmulo de detrito nas resistências. Um dos entrevistados explica o processo com suas palavras:

Aqui na Ilha queima muito chuveiro, principalmente porque falta pressão e também porque tem oscilação de tensão. Mas o problema maior da queima do chuveiro é por causa dos resíduos da água, que vão acumulando na resistência e aí ele aquece demais e estoura a resistência.

Com relação aos *resíduos sólidos* gerados pelas pousadas na Ilha do Mel, foi verificado que, apesar de muitos desses estabelecimentos realizarem uma seleta bruta entre os resíduos orgânicos

e recicláveis, nem sempre dão uma destinação apropriada aos resíduos. Dentre as pousadas que desenvolvem algum tipo de seleta mais cuidadosa dos resíduos sólidos, o incentivo para esta prática é o valor econômico dos materiais, como acontece com as latinhas de alumínio. Ou seja, o incentivo econômico é o principal motivador para o tratamento dos resíduos e não a preocupação ambiental. Com relação aos *resíduos orgânicos*, quase metade dos proprietários disse enterrar estes resíduos. Questiona-se qual é o rigor na separação da matéria orgânica, pois foram encontrados próximo de pousadas e residências restos de lixo seco (tampas, sacos plásticos, e outros pequenos resíduos recicláveis) que estão sendo enterrados ou despejados na mata e áreas de preservação. Apenas um dos empreendedores, dentre todos os entrevistados, disse escolher as embalagens dos produtos que compra, ou seja, ele realiza uma triagem dos resíduos logo no início do processo de consumo, sob as seguintes justificativas:

[...] nós não recebemos nenhum produto com embalagens que não tenha valor na reciclagem. Então, por exemplo, não compramos mais nenhuma bebida em garrafa. A garrafa produz uma dificuldade de transporte: é grande, é pesada, quebra, e quando fica estocada cria água, cria mosquito da dengue. Então compramos só bebidas em lata. As latas são vendidas depois.

Foi verificado também que poucos entrevistados utilizam os resíduos orgânicos para a produção de compostagem. Este tipo de processo propiciaria uma destinação ambientalmente recomendável, ao se evitar que os resíduos fossem enterrados em quantidade e jogados na mata indiscriminadamente, ou até mesmo que fossem levados pela coleta pública, visto que o destino final é um “Lixão” a céu aberto no continente. Por outro lado, como a maioria dos terrenos é muito pequena, por determinação de loteamento mínimo estabelecido pelo IAP, é difícil a alocação de espaços nos quintais para este determinado fim.

6. Conclusões

Apesar de a Ilha do Mel possuir a imagem de local ecologicamente preservado, foi verificado no estudo que esse local vem sofrendo impactos ambientais decorrentes da atividade turística, devido à infra-estrutura precária e ao uso inadequado dos recursos naturais. Percebe-se que muitos dos procedimentos adotados, com relação a esses recursos, não são os mais adequados para a preservação do meio ambiente, ainda mais quando se trata de uma Ilha com um Parque Estadual e uma Estação Ecológica, onde a natureza seria o principal atrativo turístico.

É evidente, pelos resultados encontrados no estudo, que os empresários do setor hoteleiro não têm se preocupado com o desenvolvimento turístico sustentável da Ilha. Assim, muitas das ações desenvolvidas para preservar o meio ambiente na Ilha são resultantes de ações individuais desenvolvidas pelos proprietários e não decorrentes de uma consciência coletiva apoiada pelo setor público. Por exemplo, quando se observa o tratamento e a destinação dos resíduos sólidos, verifica-se que o que vem sendo feito é resultante de decisões individuais baseadas no que consideram mais prático no momento, sem preocupações a longo prazo. No caso da contaminação do lençol freático, a situação é ainda mais grave pois não se observa, por parte dos empresários, ações específicas para se evitar a contaminação ambiental, apesar do conhecimento generalizado do problema. Motivos para uma inferência deste tipo não faltam, haja visto o grau de contaminação de diversas localidades da Ilha do Mel, segundo exames de água desenvolvidos pelo IAP e pelo pesquisador Esteves (2004).

Foi verificado que a atuação do órgão ambiental responsável pelo meio ambiente, o IAP, é pouco efetiva, no que diz respeito a educação ambiental, principalmente com relação ao provimento de informações aos empreendedores sobre ações adequadas para o uso sustentável de recursos naturais, como a captação de água da chuva, a utilização de fossas secas, a reciclagem de resíduos, dentre muitas outras ações. Por outro lado, foi percebido que uma parcela dos empreendedores não acredita ser de sua responsabilidade o cuidado com o meio ambiente e repassa para o setor público essa responsabilidade.

Pode-se concluir por este estudo que a sustentabilidade turística da Ilha do Mel, a longo prazo, só ocorrerá se o governo, o setor privado, os turistas e comunidade assumirem seus papéis e responsabilidades, o que, infelizmente, é visível que isso ainda não está ocorrendo. Vale insistir, através da realização de muitos outros estudos, na necessidade de ações mais efetivas por parte do governo, no dimensionamento adequado e na fiscalização do uso dos recursos naturais; dos empresários, a quem cabe parcela substancial de responsabilidade pelo uso desses recursos; e, finalmente, na conscientização dos turistas e da comunidade, sem a qual essas ações se tornariam inócuas.

Referências Bibliográficas

BROWN, M. Environmental Policy in the Hotel Sector: “green strategy or stratagem?”. *Internacional Journal of Contemporary Hospitality Management*. p.18 – 23, 1996.

COSTA, S. S. *Lixo Mínimo: uma proposta ecológica para hotelaria*. Rio de Janeiro: Senac, 2004.

DE CONTO, S. Gerenciamento de Resíduos Sólidos em Meios de Hospedagem. In: TRIGO, L. G. G. *Análises Regionais e Globais do Turismo Brasileiro (org)*. São Paulo: Roca, 2005.

DIAS, R. *Turismo Sustentável e Meio Ambiente*. São Paulo: Atlas, 2003.

ESTEVES, C. J. O. *Turismo e Qualidade da Água na Ilha do Mel (Litoral do Paraná)*. Curitiba, PR, 2004: Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná.

GODOY, A. S. A pesquisa qualitativa e sua utilização em administração de Empresas. *RAE - Revista de Administração de Empresas*. São Paulo. v. 35, n. 4, p. 65-71 jul. /ago. 1995.

GONÇALVES, L. C. *Gestão Ambiental em Meios de Hospedagem*. São Paulo: Aleph, 2004.

HETZER, N. D. *Environment, Tourism, Culture*. Disponível em: <<http://www.fieu.edu/ecosphere.shtml>> Acesso em: 25 abril 2005.

KNOWLES, T.; MCMILLAN, S.; PALMER, J.; GRABOWSKI, P.; HASHIMOTO, A. The Development of Environmental Initiatives in Tourism: responses from the London Hotel Sector. *Internacional Journal of Tourism Research*. 1, 255 – 265, 1999.

MOLINA, S. E. *Turismo e ecologia*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

NETO, R. F. *As inter-relações da energia elétrica com aspectos de conforto e modernidade em pequenas comunidades. Um estudo de caso na ilha do mel – Pr*. Curitiba, 1999. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento). Universidade Federal do Paraná.

PACHECO, A. P. B.; SERVI, C. E. D. A.; ROCHA, E. F. *Imagem das pousadas de Brasília pelos diferentes agrupamentos que se interessam por esta localidade: um estudo exploratória sobre as pousadas da Ilha do Mel*. Curitiba, 2003. Monografia (Graduação em Administração com ênfase em marketing). Faculdades Integradas Curitiba.

RODRIGUES, A. B. *Turismo e Desenvolvimento Local*. São Paulo: Hucitec, 2000.

RUSHMANN, D. *Turismo e Planejamento Sustentável: a Proteção do Meio Ambiente*. Campinas: Papirus, 2001.

SILVEIRA, M. A. T. Ecoturismo na Ilha do Mel. In: LIMA, R. E. de; NEGRELLE, R.R.B (Orgs). *Meio Ambiente e Desenvolvimento no Litoral do Paraná*. Curitiba: Editora da UFPR; Brasília: CNPQ, 1998.

TZSCHENTKE, N.; KIRK, D.; LYNCH, P. A. Reasons for going green in serviced accommodation establishments. *Internacional Journal of Contemporary Hospitality Manangement*. v. 16, n° 2, p. 116-124, 2004.

WAHAB, S.; PIGRAM, J.J. *Tourism, Development and Growth*. London. Ed. Routledge, 1997.

YIN, R. K. *Estudo de Caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookmann, 2005.